

# a mentira

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para JoAnne.  
A fantástica amiga para a vida toda.*



Primeira Parte

## A MENTIRA

*O que faz mal não é a mentira que passa pela mente,  
mas a que nela mergulha e se firma.*

— FRANCIS BACON



# 1



**N**a casa grande — e para ela seria sempre a casa grande —, Shelby sentou-se na grande cadeira de pele do marido, diante da sua imponente secretária. A cadeira era cor de café. Não era castanha. Richard havia sido uma pessoa bastante exata nesse tipo de coisas. A secretária, tão elegante e reluzente, era de pau-zebra africano e havia sido feita por encomenda em Itália.

Quando ela havia dito, por piada, que não sabia que havia zebras em Itália, ele olhara-a com a *tal* expressão. A expressão que lhe dizia que, apesar da casa grande, das roupas de marca e do gordo diamante que usava no anelar da mão esquerda, ela seria sempre Shelby Anne Pomeroy, natural de uma vila do estado de Tennessee, onde havia sido criada.

Noutros tempos ele ter-se-ia rido, pensou Shelby. Ter-se-ia apercebido de que estava a brincar e rido como se ela fosse o brilho da sua vida. Mas, Deus, esse brilho havia esmorecido nos seus olhos e muito rapidamente.

O homem que ela havia conhecido quase cinco anos antes numa estrelada noite de verão havia-a arrebatado, arrancado de tudo o que ela conhecia, e levado para mundos que ela nem imaginava existirem.

Tinha-a tratado como uma princesa, mostrado lugares que ela só conhecia através dos livros ou visto em filmes. Tinha-a amado... não tinha? Era importante recordar isso. Ele tinha-a amado, desejado, havia-lhe dado tudo o que uma mulher podia querer.

Cuidado. Era uma palavra que ele havia usado com frequência. Havia cuidado dela.

Talvez tivesse ficado um tanto perturbado quando ela engravidara, e talvez ela tivesse sentido medo — ainda que por um instante — da expressão no seu olhar quando lhe contara. Mas tinha-se casado com ela, não tinha? Havia-a levado para Las Vegas, como se estivessem a viver a aventura das suas vidas.

Nesse tempo haviam sido felizes. Também era importante recordar isso agora. Ela precisava de recordar isso, de se agarrar às memórias dos bons tempos.

Uma mulher viúva aos vinte e quatro anos precisava de memórias.

Uma mulher que havia descoberto que tinha vivido uma mentira e que não só estava falida mas terrivelmente endividada precisava de recordações dos bons tempos.

Os advogados, contabilistas e inspetores do fisco haviam-lhe explicado a situação, mas bem poderiam ter falado em grego quando se referiram a graus de endividamento, fundos de cobertura e execuções hipotecárias. A casa grande, que a havia intimidado desde que lá entrara a primeira vez, não era sua, pelo menos não o suficiente, mas sim da entidade hipotecária. Os carros eram alugados, não comprados, e, como tinha os pagamentos em atraso, também não eram seus.

A mobília? Comprada a crédito, e as prestações também estavam em atraso.

E os impostos. Não suportava pensar nos impostos. Apavorava-a pensar no assunto.

Durante os dois meses e oito dias desde a morte de Richard, ela não fizera outra coisa senão pensar em assuntos sobre os quais ele lhe havia dito para não se preocupar, que não lhe diziam respeito. Assuntos — dizia-lhe ele com a *tal* expressão no olhar — que não eram de sua conta.

Agora era tudo da sua conta, dizia-lhe tudo respeito, porque ela devia tanto dinheiro aos credores, à entidade hipotecária e ao governo dos Estados Unidos que se sentia paralisada.

Mas não podia dar-se ao luxo de ficar paralisada. Tinha uma filha pequena. Callie era tudo o que importava naquele momento. A menina tinha apenas três anos, pensou Shelby, e só lhe apeteceu deitar a cabeça naquela elegante e reluzente secretária e chorar.

— Mas não vais fazer isso. És tudo o que ela tem agora, por isso farás o que tem de ser feito.

Abriu uma das caixas, a que dizia «Documentos Pessoais». Ela supunha que os advogados e os inspetores do fisco tivessem levado tudo, examinado tudo, copiado tudo.

Agora era a sua vez de examinar tudo e ver o que poderia ser salvo. Por Callie.

Precisava de encontrar o suficiente, algures, para cuidar da filha depois de saldar todas as dívidas. Procuraria trabalho, claro, mas não seria o suficiente.

O dinheiro não era importante, pensou ela enquanto começava a examinar recibos de fatos, sapatos, restaurantes e hotéis. Jatos privados. Percebera que o dinheiro não era importante para si no final do vertiginoso primeiro ano, depois do nascimento de Callie.

Depois do nascimento de Callie, tudo o que ela queria era um lar.

Parou e olhou para o escritório de Richard. As cores berrantes da arte moderna que ele havia preferido, as desoladoras paredes brancas que ele afirmava melhor realçarem essa arte e as madeiras e peles escuras.

Aquele não seria o seu lar, nunca havia sido. Nunca seria, pensou ela, nem que ali vivesse oitenta anos em vez dos escassos três meses desde que se haviam mudado.

Ele havia comprado a casa sem a consultar, havia-a mobilado sem lhe pedir a opinião. Uma surpresa, havia dito, escancarando as portas daquela casa colossal em Villanova, daquele edifício ressoante no que havia afirmado ser o *melhor* dos subúrbios de Filadélfia.

E ela havia fingido adorá-la, não fora? Grata por ter um lugar, por muito que as cores fortes e os tetos altos a intimidassem. Callie teria um lar, frequentaria boas escolas, brincaria num bairro seguro.

Faria amigos. Ela também os faria; fora essa a sua esperança.

Mas não houvera tempo.

Tal como não havia um seguro de vida no valor de dez milhões de dólares. Ele também havia mentido a esse respeito. Mentira acerca do fundo de poupança para a universidade de Callie.

Porquê?

Shelby pôs a questão de lado. Nunca saberia a resposta, por isso para quê perguntar-se?

Podia levar os fatos dele, os sapatos, as gravatas, o equipamento de desporto, os tacos de golfe e os esquis. Podia levar tudo aquilo a lojas de artigos em segunda mão e conseguir algum dinheiro.



Podia vender tudo o que não tivesse de ser devolvido. Na porcaria do *website* do eBay, se fosse preciso. Ou no *website* do Craigslist. Ou numa loja de penhores. Tanto fazia.

Havia muita coisa no seu guarda-roupa que podia vender. E joias também.

Olhou para o diamante, o anel que ele lhe havia posto no dedo quando em Las Vegas. Ficaria com a aliança de casamento, mas venderia o diamante. Tinha muitas coisas para vender.

Por Callie.

Analisou os *dossiers*, um a um. Havia levado todos os computadores e ainda não lhos tinham devolvido. Mas o papel era tangível.

Abriu o *dossier* médico dele.

Havia cuidado bem de si mesmo, pensou ela... e lembrou-se de que tinha de cancelar as inscrições no clube de campo e no ginásio. Havia-se esquecido completamente. Ele havia sido um homem saudável, que se mantinha em boa forma e nunca falhava um *check-up*.

Precisava de deitar fora todas as vitaminas e suplementos que ele havia tomado diariamente, decidiu enquanto virava outra folha.

Não havia motivo para os guardar, nem para guardar aqueles registros. O homem saudável havia-se afogado no Atlântico, a poucas milhas da costa da Carolina do Sul, aos trinta e três anos.

O melhor era destruir aquilo tudo. Richard gostava de triturar papel e tinha uma máquina ali mesmo, no seu escritório. Os credores não precisavam de ver os resultados das últimas análises de rotina ao sangue, nem a confirmação da sua vacina contra a gripe de dois anos antes, nem a papelada das urgências de quando ele havia deslocado um dedo a jogar basquetebol.

Por amor de Deus, isso fora há três anos. Para alguém que havia triturado papel suficiente para fazer uma cordilheira, fora bastante possessivo no que dizia respeito às suas receitas médicas.

Shelby suspirou ao reparar que havia outra com data de quase quatro anos antes. Quando a ia colocar de lado, deteve-se e franziu o sobrolho. Não conhecia aquele médico. Claro, na altura viviam naquele prédio enorme em Houston, e como é que alguém podia manter-se a par dos médicos quando se mudavam todos os anos, às vezes mais do que uma vez? Mas aquele médico era da cidade de Nova Iorque.

— Não pode estar certo — murmurou ela. — Por que motivo iria o Richard a um médico em Nova Iorque para...

Tudo gelou. A sua mente, o seu coração, as suas entranhas. Levantou o papel com dedos trémulos e aproximou-o mais, como se as palavras fossem alterar-se com a distância.

Mas tal não aconteceu.

Richard Andrew Foxworth foi submetido a uma cirurgia programada, realizada pelo Dr. Dipok Haryana, no Centro Médico Mount Sinai, em doze de julho de 2011. Uma vasectomia.

Ele havia feito uma vasectomia, sem lhe dizer nada. Callie tinha apenas dois meses e ele havia tomado medidas para que não pudessem ter mais filhos. Havia fingido querer mais, quando ela começara a falar noutra. Havia concordado em fazer exames, como ela fizera, quando, após um ano de tentativas, ela não engravidara.

Conseguia ainda ouvi-lo: *Tens de descontrair, Shelby. Por amor de Deus. Se estiveres preocupada e tensa com isto, nunca acontecerá.*

— Não, nunca acontecerá, porque tu trataste para que não acontecesse. Mentiste-me, até sobre isto. Mentiste-me quando eu ficava destracada todos os meses. Como pudeste fazer isto? Como?

Afastou-se da secretária e pressionou os olhos com os dedos. Julho, meados de julho, tinha Callie cerca de oito semanas. Uma viagem de negócios, havia ele dito; exatamente, ela lembrava-se perfeitamente. Uma viagem a Nova Iorque; quanto ao local não mentira.

Ela não quisera levar a bebé para a cidade... ele sabia que ela não queria e havia tratado de tudo. Outra surpresa para ela. Enviara-a com a bebé de volta para o Tennessee, num avião privado.

Para que pudesse passar algum tempo com a família, dissera ele. Para mostrar a bebé, deixar a mãe e a avó mimarem-na e mimarem Callie durante um par de semanas.

Ela havia ficado tão feliz, tão *grata*... pensou naquele momento. E ele só queria tirá-la do caminho para poder garantir que não conceberiam outro filho.

Voltou para a secretária e pegou na fotografia que havia emoldurado para ele. Uma foto sua com Callie, tirada pelo seu irmão Clay nessa mesma viagem. Um presente de agradecimento que ele parecera valorizar visto que a havia mantido na secretária — onde quer que estivessem — desde então.

— Outra mentira. Mais uma mentira. Tu nunca nos amaste. Se nos amasses, não terias mentido desta maneira.

Com a raiva da traição, quase esmagou a moldura contra a secretária.

Só o rosto da sua bebé a deteve. Voltou a pousá-la, com o mesmo cuidado com que pousaria uma inestimável e frágil porcelana.

Depois deslizou para o chão — não era capaz de estar sentada àquela secretária, não agora. Sentou-se no chão de cores garridas realçadas pelas paredes brancas, balançando-se enquanto chorava. Chorava, não pela morte do homem que amara, mas porque ele nunca havia existido.

Não havia tempo para dormir. Embora não gostasse de café, pegou numa caneca grande e encheu-a com duas doses de café da máquina italiana de Richard.

Com dores de cabeça devido ao ataque de choro e sob o efeito eletrizante da cafeína, examinou todos os documentos na caixa e organizou-os em pilhas.

As faturas de hotéis e restaurantes, vistas com outros olhos, diziam-lhe que ele não lhe havia apenas mentido, havia-a traído.

Os valores do serviço de quartos eram demasiado elevados para uma só pessoa. A acrescentar a isso, um recibo de compra de uma pulseira de prata na Tiffany's — que ele nunca lhe oferecera — dessa mesma viagem, mais cinco mil gastos na La Perla — a *lingerie* que preferia que ela usasse — numa outra viagem, um recibo de um fim de semana passado num pequeno hotel em Vermont, quando lhe dissera que ia concluir um negócio em Chicago... e a hipótese começava a ganhar consistência.

Porque teria ele guardado tudo aquilo? Todas aquelas provas das suas mentiras e da sua infidelidade? Porque ela confiara nele, constatou Shelby.

Nem sequer isso, pensou ela, aceitando. Ela havia desconfiado que ele tinha um caso e muito provavelmente ele estivera ciente do facto. Ele havia guardado tudo porque a considerara demasiado obediente para vasculhar os seus arquivos pessoais.

E ela havia sido.

Ele havia trancado à chave as outras vidas que havia tido. Ela não havia sabido onde procurar a chave, nunca o teria questionado, e ele estava ciente disso.

*Quantas mais mulheres?*, perguntou-se. Interessaria? Uma já era demais, e qualquer uma delas teria sido mais sofisticada, experiente e culta do que a menina da pequena vila nas montanhas do Tennessee, que ele havia engravidado, deslumbrado e enganado aos dezanove anos.

Porque se teria casado com ela?

Talvez a amasse, pelo menos um bocadinho. A desejasse. Mas ela não havia sido suficiente para o manter feliz, para o manter verdadeiro.

E importaria isso, na verdade? Ele estava morto.

*Sim*, pensou ela. *Sim, importava.*

Ele havia-a enganado, humilhado. Tinha-a deixado com um encargo financeiro que poderia persegui-la durante anos e prejudicar o futuro da sua filha.

Claro que importava.

Passou mais uma hora a examinar metodicamente o escritório. O cofre já tinha sido revistado. Ela sabia da sua existência, embora não tivesse a combinação. Havia dado permissão aos advogados para o abrirem.

Eles haviam levado a maior parte dos documentos legais, mas havia cinco mil dólares em notas. Shelby tirou-as e pô-las de parte. O certificado de nascimento de Callie, os seus passaportes.

Abriu o de Richard e estudou a sua fotografia.

Tão atraente. Bonito e elegante, como uma estrela de cinema, com os seus cabelos castanho-escuros e olhos ambarinos. Ela havia desejado tanto que Callie herdasse as suas covinhas. Aquelas malditas covinhas haviam-na seduzido.

Pôs os passaportes de lado. Por mais improvável que fosse que ela usasse o seu ou o de Callie, levá-los-ia. Destruiria o de Richard. Ou... talvez perguntasse aos advogados se deveria fazê-lo.

Não encontrou nada escondido, mas examinaria tudo uma vez mais antes de rasgar ou arquivar tudo de novo em caixas de transporte.

Dominada pela cafeína e pela tristeza, percorreu a casa, atravessou o átrio de dois pisos e subiu a escada em caracol sem produzir qualquer ruído com as meias grossas que levava calçadas.

Primeiro foi ver como estava Callie. Entrou no bonito quarto e inclinou-se para beijar a face da filha antes de aconchegar os cobertores em torno do corpo da sua pequenina, que dormia de rabo para cima, a sua posição predileta.

Deixou a porta aberta e avançou pelo corredor até ao quarto principal.

Detestava aquele quarto, pensou. Detestava as paredes cinzentas, a cabeceira preta de couro, as linhas rígidas da mobília preta.

Detestava-o ainda mais agora, sabendo que havia feito amor com ele naquela cama depois de ele ter feito amor com outras mulheres, noutras camas.

Com o estômago às voltas, constatou que precisava também de ir ao médico. Precisava de se assegurar de que ele não lhe havia transmitido nada. *Não penses agora*, disse a si mesma. *Faz a marcação amanhã e não penses agora*.

Entrou no *closet* dele, que era quase do tamanho do quarto que ela tinha em Rendezvous Ridge, a sua terra natal.

Alguns dos fatos pouco tinham sido usados, pensou ela. *Armani*, *Versace*, *Cucinelli*. Richard havia tido preferência por fatos de estilistas italianos. E sapatos, pensou ela, tirando um par de mocassins pretos *Ferragamo* da estante dos sapatos e virando-os para examinar as solas.

Tinham apenas uns arranhões.

Seguindo adiante, abriu um armário e tirou sacos de fatos.

Na manhã seguinte, levaria os que conseguisse para a loja de artigos em segunda mão.

— Já devia ter feito isto — murmurou por entre dentes.

Mas primeiro havia sido o choque e o desgosto, depois os advogados, os contabilistas, os inspetores do fisco.

Revistou os bolsos de um fato de listas cinzento para se certificar de que estavam vazios e transferiu-o para o saco. Cinco em cada saco, calculou ela. Quatro sacos para fatos, mais cinco — talvez seis — para casacos e sobretudos. Depois camisas e calças informais.

O trabalho mecânico mantinha-a tranquila; o esvaziamento gradual do espaço aliviava-lhe um pouco o coração.

Shelby hesitou quando chegou ao blusão de cabedal bronze-escuro. Havia sido o preferido de Richard e havia-lhe assentado tão bem o estilo aviador e a cor intensa. Ela sabia que era um dos seus presentes de que ele realmente gostava.

Acariciou uma das mangas, suave como manteiga, maleável, e quase ce-deu à vontade de o colocar de parte, de o guardar, pelo menos por um tempo.

Depois lembrou-se do recibo do médico e vasculhou os bolsos sem piedade.

Vazios, evidentemente. Ele tivera o cuidado de os esvaziar todas as noites, depositando os trocados no prato de vidro que tinha em cima da cómoda. O telemóvel no carregador, as chaves no prato junto à porta de casa ou penduradas no armário do escritório. Nunca deixava nada que pudesse deformá-los, estragar a linha, que pudesse ficar esquecido.

Mas quando os apertou — um hábito que aprendera com a mãe quando era dia de lavar a roupa — sentiu alguma coisa. Verificou o bolso

outra vez e encontrou-o vazio. Enfiou novamente os dedos e virou o bolso do avesso.

Reparou que havia um pequeno buraco no forro. Sim, ele havia gostado muito daquele blusão.

Levou-o outra vez para o quarto e tirou a tesoura do seu estojo de manicura. Com cuidado, alargou o buraco com a intenção de o coser depois, antes de o ensacar para vender.

Enfiou os dedos na abertura e retirou uma chave.

Não era a chave de uma porta, pensou, acendendo a luz. Nem de um carro. Era de um cofre bancário.

Mas que banco? E o que teria lá dentro? Porque teria ele um cofre bancário, quando tinha um cofre no escritório?

Pensou que talvez devesse informar os advogados. Mas não ia fazê-lo. Tanto quanto sabia, era bem possível que ele tivesse guardado uma lista com todas as mulheres com quem havia dormido nos últimos cinco anos, e ela já tinha sofrido humilhação suficiente.

Procuraria o banco e o cofre, e verificaria pessoalmente.

Podiam ficar com a casa, a mobília, os carros, as ações e o dinheiro que distava muito da quantia que Richard lhe havia dito que tinham. Podiam ficar com as obras de arte, as joias e o casaco de chinchila que ele lhe havia oferecido no primeiro, e último, Natal que haviam passado em Pensilvânia.

Mas ela não iria abrir mão do orgulho que lhe restava.

Despertou de sonhos perturbadores ao sentir que puxavam insistentemente a sua mão.

— Mamã, mamã, mamã. Acorda!

— O que foi? — Sem sequer abrir os olhos, Shelby baixou os braços, puxou a menina para cima da cama e aconchegou-a a si.

— É manhã — cantarolou Callie. — A *Fifi* está com fome.

— Hum... — *Fifi*, a adorada cadela de peluche de Callie, acordava sempre com fome. — Está bem. — Mas ficou mais um bocadinho enroscada com a filha.

A dado momento deitara-se, completamente vestida, em cima da cama, tapara-se com a manta preta de caxemira e adormecera. Nunca conseguiria convencer Callie — nem *Fifi* — a ficar mais uma hora na cama, mas podia conseguir mais uns minutos.

— O teu cabelo cheira tão bem... — murmurou Shelby.

— Cabelo da Callie. Cabelo da mamã.

Shelby sorriu ao sentir o leve puxão nos cabelos.

— São iguais.

Havia herdado o dourado tom ruivo da parte da mãe. Da parte dos MacNee. Bem como os caracóis praticamente indomáveis, que — como Richard preferia cabelos lisos — ela havia secado e esticado todas as semanas.

— Olhos da Callie. Olhos da mamã.

Callie abriu o olho de Shelby com os dedos; os mesmos olhos azul-escuros que, sob um certo tipo de luz, quase pareciam roxos.

— São iguais — disse Shelby, e encolheu-se quando Callie lhe enfiou um dedo no olho.

— Vermelho.

— Aposto que sim. O que quer a *Fifi* para o pequeno-almoço? — *Mais cinco minutos*, pensou Shelby. *Só cinco*.

— A *Fifi* quer... rebuçado!

A pura alegria na voz da filha fê-la abrir os olhos azuis raiados de sangue.

— Verdade, *Fifi*? — Shelby virou para si o alegre focinho felpudo do caniche cor-de-rosa. — Nem pensar. — Virou Callie, fez-lhe cócegas nas costelas e, apesar das dores de cabeça, deleitou-se com os seus guinchos de alegria. — Então, vamos tratar do pequeno-almoço. — Pegou na filha ao colo. — Depois temos de ir a uns sítios, minha pequena rainha das fadas, e falar com umas pessoas.

— A Marta? A Marta vem cá?

— Não, querida. — Shelby pensou na ama que Richard havia insistido contratar. — Lembras-te que eu te disse que a Marta não pode vir mais?

— Como o papá — disse Callie, enquanto Shelby descia a escada.

— Não propriamente. Mas eu vou preparar um pequeno-almoço fabuloso para nós. Sabes o que é quase tão bom como rebuçado ao pequeno-almoço?

— Bolo!

Shelby riu-se.

— Quase. Panquecas. Panquecas de cachorrinho.

Callie soltou uma risadinha e pousou a cabeça no ombro de Shelby.

— Eu amo a mamã.

— Eu amo a Callie — respondeu Shelby, e prometeu a si mesma que faria o que fosse preciso para dar uma vida boa e tranquila à filha.

Depois do pequeno-almoço, Shelby ajudou a filha a vestir-se e agasalhou bem ambas. Havia desfrutado da neve no Natal, mal dera pela sua presença em janeiro, após o acidente de Richard.

Mas já estavam em março e ela estava mais do que saturada da neve e do ar gelado que não mostrava sinais de degelo. Contudo, a garagem estava suficientemente quente para instalar Callie na cadeirinha do carro e para acartar todos os pesados sacos com roupa para dentro do SUV de linhas elegantes que provavelmente não teria por muito mais tempo.

Precisava de arranjar dinheiro suficiente para comprar um carro em segunda mão. Um carro bom, seguro, adequado a crianças. Um monovolume, pensou ela, enquanto saía de marcha atrás da garagem.

Conduziu com prudência. As estradas tinham sido bem limpas, mas o inverno causava estragos, por mais exclusivo que fosse o bairro, e havia buracos.

Shelby não conhecia ninguém na vizinhança. O inverno havia sido extremamente agreste e tão frio, e as suas circunstâncias tão avassaladoras que ela quase não havia saído de casa. E Callie tinha apanhado aquela forte constipação. A constipação que as havia mantido em casa quando Richard viajara para a Carolina do Sul. A viagem que deveriam ter feito os três, umas férias de inverno em família.

Teriam estado com ele no barco, e ao ouvir a filha conversar com *Fifi* essa ideia tornou-se insuportável. Resolveu então concentrar-se no trânsito e em procurar a loja de artigos em segunda mão.

Passou Callie para o carrinho e, amaldiçoando o vento cortante, tirou os primeiros três sacos do carro. Quando tentava abrir a porta da loja, impedir que os sacos escorregassem e proteger Callie do vento, uma mulher abriu-lha.

— Oh! Deixe-me ajudá-la.

— Obrigada. São um bocadinho pesados, por isso eu...

— Eu levo-os. Macey! Temos tesouro!

Uma outra mulher, em avançado estado de gravidez, emergiu do fundo da loja.

— Bom dia. Oh, olá, bonequinha — disse ela a Callie.

— Tens um bebé na barriga.



— Pois tenho. — Macey pousou uma mão na barriga e sorriu para Shelby. — Bem-vinda à Segundas Oportunidades. Traz artigos para vender?

— Sim. — Um rápido olhar em redor mostrou a Shelby cabides e prateleiras com roupas e acessórios. E uma zona muito pequena dedicada à roupa masculina. O coração caiu-lhe aos pés. — Não pude vir aqui antes, por isso não tinha a certeza do que vocês... Trago essencialmente fatos masculinos. Fatos, camisas e casacos.

— Temos muito pouca roupa masculina. — A mulher que lhe havia aberto a porta deu umas palmaditas nos sacos de vestuário que ela havia pousado em cima do amplo balcão. — Posso dar uma olhada?

— Sim, por favor.

— Não é das redondezas — comentou Macey.

— Não. Acho que não.

— Está de visita?

— Nós... Agora moro aqui em Villanova, desde dezembro, mas...

— Oh, meu Deus! Estes fatos são lindos! Até agora, todos como novos, Macey.

— Tamanho, Cheryl?

— Quarenta e dois. E devem ser aí uns vinte.

— Vinte e dois — disse Shelby, e entrelaçou os dedos das mãos.

— Tenho mais no carro.

— Mais? — perguntaram as duas mulheres em unísono.

— Sapatos, tamanho quarenta e três. E casacos, blusões e... O meu marido...

— A roupa do papá! — anunciou Callie quando Cheryl pendurou mais um fato num suporte para cabides. — Não toques na roupa do papá com mãos sujas.

— Exatamente, querida. Ah, sabe — disse Shelby, tentando encontrar a melhor forma de explicar.

Callie resolveu-lhe o problema.

— O meu papá foi para o céu.

— Lamento muito. — Mantendo uma mão na barriga, Macey pousou a outra no braço de Callie.

— O céu é bonito — disse-lhes Callie. — Os anjos vivem lá.

— Tens toda a razão. — Macey olhou para Cheryl e anuiu com a cabeça. — Porque não vai lá fora buscar o resto? — disse a Shelby. — Pode deixar... Como te chamas, bonequinha?

— Callie Rose Foxworth. Esta é a *Fifi*.

— Olá, *Fifi*. Nós tomamos conta da Callie e da *Fifi* enquanto vai buscar o resto das coisas.

— Se têm a certeza... — Shelby hesitou, depois perguntou-se que motivo teriam duas mulheres, uma delas grávida de uns sete meses, para fugirem com Callie no tempo que demoraria a ir ao carro e voltar. — Não demoro. Callie, porta-te bem. A mamã vai só buscar uma coisa ao carro.

Eram simpáticas, pensou Shelby mais tarde, quando se foi embora para tentar os bancos locais. Quando se lhes dava a oportunidade, de um modo geral as pessoas eram simpáticas. Haviam ficado com tudo, e ela sabia que haviam ficado com mais do que provavelmente ficariam se não tivessem ficado encantadas com Callie.

— És o meu amuleto, Callie Rose.

Callie sorriu com a palhinha do pacote de sumo na boca, mas manteve os olhos fixos no ecrã do DVD do banco traseiro, enquanto via *Shrek* pela milionésima vez.

## 2



Seis bancos depois, Shelby decidiu que a sorte daquele dia se havia esgotado. E a sua bebé precisava de almoçar e de dormir a sesta. Depois de alimentar, de lavar e de aconchegar Callie na cama — e a parte do aconchegar demorava sempre o dobro do tempo previsto —, preparou-se para enfrentar o atendedor de chamadas e o correio de voz do seu telemóvel.

Havia acordado planos de pagamento com as empresas dos cartões de crédito, e achava que haviam sido tão decentes como seria de esperar. Fizera o mesmo com o IRS. O banco havia concordado com a venda a descoberto, e uma das mensagens era da agente imobiliária a querer combinar as primeiras visitas à casa.

Também ela estava a precisar de uma sesta, mas podia resolver muitas coisas durante a hora — quisesse Deus — de sono de Callie.

Como era o que fazia mais sentido, usaria o escritório de Richard. Havia fechado a maior parte das assoalhadas da casa grande e cortado o aquecimento onde possível. Apetecia-lhe uma fogueira e olhou para a salamandra a gás, preta e prata, embutida sob a consola de mármore preto da lareira. A única coisa de que havia gostado naquela casa gigantesca fora poder desfrutar de uma fogueira — do seu calor e da sua alegria — com o simples premir de um botão.

Mas esse premir custava dinheiro e ela não o gastaria só para ter chamas de gás, quando a camisola de lã e as meias grossas que usava

bastavam para a manter quente. Agarrou na lista de tarefas que havia elaborado, ligou à agente imobiliária e concordou em abrir a casa no sábado e no domingo.

Levaria Callie a algum lado e deixaria esse assunto com a agente imobiliária. Entretanto, procurou o nome da empresa, que os advogados lhe haviam aconselhado, que talvez lhe comprasse a mobília, numa tentativa de evitar que lhe fosse retirada.

Se não conseguisse vendê-la por atacado, ou pelo menos a maior parte, tentaria vendê-la por peças na Internet... se voltasse a ter acesso a um computador.

Se não conseguisse arranjar dinheiro suficiente, teria de enfrentar a humilhação de lha ser retirada.

Não lhe parecia que naquele bairro se fizessem vendas de garagem e, de qualquer modo, estava demasiado frio.

Depois retornou as chamadas da mãe, da avó e da cunhada, e pediu-lhes para informarem as tias e primas, que também haviam ligado, de que Callie estava bem. Estava simplesmente demasiado ocupada a pôr tudo em ordem.

Não podia contar-lhes tudo, não ainda. Eles sabiam de parte, evidentemente, e, naquele momento, ela não se sentia capaz de partilhar mais. Falar do assunto deixava-a revoltada e chorosa, e ela tinha muito que fazer.

Para se manter ocupada, subiu ao quarto para fazer a seleção das joias. O anel de noivado, os brincos de diamante que Richard lhe havia oferecido quando completara vinte e um anos. O pingente de esmeralda que lhe havia oferecido quando Callie nascera. Outras peças, outros presentes. Seis dos relógios dele e o seu exército de botões de punho.

Elaborou uma lista meticulosa, como fizera com a roupa que havia levado para a loja de artigos em segunda mão. Ensacou as joias com as respetivas avaliações e informação de seguro, depois usou o telemóvel para procurar uma joalharia, tão local quanto possível, que, além de vender, comprasse.

Com as caixas que havia comprado naquela manhã, começou a guardar o que considerava seu e importante. Fotografias, presentes dados pela família. A agente imobiliária havia-a aconselhado a «despersonalizar» a casa, e assim faria.

Quando Callie acordou da sesta, Shelby manteve-a entretida atribuindo-lhe pequenas tarefas. Enquanto ela empacotava as coisas, a

pequenina ia limpando. Já não havia empregados para lavar e polir as intermináveis superfícies de azulejo, de parquê, de cromados, de vidro.

Preparou o jantar e comeu o que pôde. Tratou do banho de Callie, contou-lhe uma história e deitou-a, depois empacotou mais algumas coisas e levou as caixas para a garagem. Exausta, desfrutou de um banho quente na banheira, com os seus jatos relaxantes, e depois deitou-se na cama com o seu bloco de notas, com a intenção de elaborar a agenda do dia seguinte.

E adormeceu de luzes acesas.

Na manhã seguinte, saiu novamente com Callie, *Fifi* e *Shrek*, e a pasta de cabedal de Richard onde havia colocado as suas joias e respetiva documentação, os relógios e os botões de punho dele. Tentou a sua sorte noutros três bancos, alargando a área, e depois, lembrando a si mesma que não havia espaço para orgulho, estacionou diante da joalheria.

Teve de lidar com uma menina de três anos rabugenta por lhe terem interrompido novamente o filme, e conseguiu acalmá-la com a promessa de um novo DVD.

Dizendo a si mesma que era apenas negócio, dólares e cêntimos, entrou com Callie na loja.

Tudo brilhava e parecia tão silencioso como uma igreja entre serviços. A sua vontade era dar meia-volta e sair, ir-se simplesmente embora, mas obrigou-se a avançar até à mulher que usava um austero fato preto e uns bonitos brincos de ouro.

— Desculpe, gostaria de falar com alguém sobre a venda de umas joias.

— Pode falar com qualquer pessoa daqui. Vender joias é o nosso negócio.

— Não... o que eu quero dizer é que estou interessada em vender. Gostaria de vender algumas peças. Diz ali que também compram joias.

— Claro. — O olhar da mulher, tão austero como o fato, varreu Shelby de alto a baixo.

Talvez não estivesse na sua melhor aparência, pensou Shelby. Talvez não tivesse conseguido camuflar as olheiras, mas se havia uma coisa que a avó lhe havia ensinado era que um cliente devia ser sempre tratado com respeito.

Shelby endireitou as costas, que ameaçavam curvar-se, e fitou-a nos olhos.

— Há alguém com quem eu possa falar, ou prefere que eu vá fazer negócio noutra sítio?

— Tem os recibos originais das peças que está interessada em vender?

— Não, não tenho, não de todas, pois algumas foram oferta. Mas tenho as avaliações e os documentos do seguro. Tenho cara de ladra, que anda com a filha pelas joalharias mais chiques a tentar vender mercadoria roubada?

Shelby sentiu que estava a perder o controlo, que estava prestes a explodir e a levar tudo à sua frente. Talvez a empregada se tenha apercebido, pois deu um passo atrás.

— Um momento, por favor.

— Mamã, quero ir para casa.

— Oh, querida, eu também. E vamos. Em breve vamos para casa.

— Posso ajudá-la?

O homem que se aproximou parecia o solene avô de alguém, daqueles que aparecem nos filmes de Hollywood sobre famílias ricas.

— Sim, senhor, espero que sim. Ali diz que compram joias e eu preciso de vender algumas joias.

— Claro. E se fôssemos para ali? Pode sentar-se enquanto eu dou uma olhada.

— Obrigada.

Shelby esforçou-se por manter a coluna ereta enquanto atravessava a loja em direção a uma ornamentada secretária. O homem puxou uma cadeira, para que ela se sentasse, e esse gesto deu-lhe vontade de chorar como uma tola.

— Tenho algumas peças... que o meu marido me ofereceu. Tenho as avaliações e os restantes documentos. — Abriu nervosamente a pasta de cabedal, tirou bolsas e estojos de joias, e o envelope pardo com a documentação. — Eu... Ele... Nós... — Shelby calou-se, fechou os olhos e respirou um par de vezes. — Desculpe, eu nunca fiz isto.

— Não tem qualquer problema, senhora...?

— Foxworth. Shelby Foxworth.

— Wilson Brown. — O homem aceitou a mão que ela lhe estendeu e apertou-lha suavemente. — E se me mostrasse o que tem, Sra. Foxworth?

Shelby decidiu começar pela de maior valor e abriu a pequena bolsa que continha o anel de noivado.

O homem pousou-o num pano de veludo e enquanto ele tirava a lupa de joalheiro, ela abriu o envelope.

— Diz aqui que tem três quilates e meio, corte esmeralda, cor D; de acordo com o que li, deve ser bom. E tem seis pedras menores num engaste de platina. É assim?

O homem examinou o anel com a lupa.

— Sra. Foxworth, lamento, mas este é um diamante artificial.

— Desculpe?

— É um diamante de laboratório, tal como as pedras menores.

Shelby pôs as mãos debaixo da mesa para ele não as ver tremer.

— Isso quer dizer que é falso.

— Quer dizer simplesmente que foi criado num laboratório. É um exemplar muito bom de um diamante artificial.

Callie começou a choramingar. O som penetrou na cabeça latejante de Shelby, que de imediato enfiou a mão na mala para retirar o telefone de brincar.

— Liga à avó, querida, e diz-lhe o que tens andado a fazer. Isso quer dizer — continuou ela — que este não é um diamante D e que este anel não vale o que diz aqui neste papel? Não vale cento e cinquenta e cinco mil dólares?

— Não, minha querida, não vale — disse ele numa voz tão suave como uma carícia, piorando ainda mais a situação. — Posso indicar-lhe outros avaliadores, para poder obter outras opiniões.

— O senhor não está a mentir-me. Sei que não está a mentir-me. — Mas Richard havia mentido, vezes e vezes sem conta. Não se deixaria abater, disse a si mesma. Não agora, não ali. — Pode dar uma olhada nas restantes joias, Sr. Brown, e dizer-me se também são falsas?

— Claro.

Os brincos de diamante eram verdadeiros, e era tudo. Ela havia gostado deles por serem bonitos e simples. Uns pequenos diamantes que não a deixavam desconfortável quando os usava.

Mas o pingente de esmeralda era de estimação, porque ele lho havia oferecido no dia em que tinham levado Callie para casa. E era falso como ele fora.

— Posso dar-lhe cinco mil pelos brincos de diamante, se ainda os quiser vender.

— Sim, obrigada. Parece-me bem. Pode dizer-me onde poderei levar as restantes? Será melhor ir a uma loja de penhores? Conhece alguma

boa? Não quero levar a Callie a algum sítio que seja... sabe o que eu quero dizer. Duvidoso. E, se não se importa, talvez pudesse dar-me uma noção de quanto tudo valerá na realidade.

O homem recostou-se e observou-a atentamente.

— O anel de noivado é um trabalho bem feito e, como eu já disse, um ótimo exemplar de diamante de laboratório. Podia dar-lhe oitocentos por ele.

Shelby observou-o também enquanto tirava a aliança de casamento.

— Quanto pelo conjunto?

Ela não se deixou abater e saiu com quinze mil e seiscentos dólares; os botões de punho de Richard não eram falsos e haviam-lhe rendido o que ela considerava um extra. Quinze mil e seiscentos dólares era mais do que alguma vez havia tido. Não era suficiente para saldar as dívidas, mas era mais do que alguma vez tivera.

E o homem havia-lhe recomendado uma outra loja que examinaria os relógios de Richard.

Shelby esticou a sua sorte com Callie, tentou mais dois bancos e deu o dia por encerrado.

Callie escolheu o DVD de *My Little Pony* e Shelby resolveu comprar para si um computador portátil e um par de dispositivos de armazenamento USB, justificando-se como sendo um investimento. Uma ferramenta de que precisava para manter tudo em ordem.

Negócios, lembrou a si mesma. Não veria as joias falsas como outra traição, mas como algo que lhe dava algum tempo para respirar.

Passou a hora da sesta a criar uma folha de cálculo, introduziu as joias e o que havia recebido pelas mesmas. Cancelou o seguro, e isso iria aliviar-lhe as despesas.

Os gastos inerentes à casa, mesmo com quartos fechados, eram enormes, mas o dinheiro das joias seria uma ajuda.

Lembrou-se da adega na cave, de que Richard tanto se orgulhara, desceu com o portátil e começou a catalogar as garrafas.

Alguém as compraria.

E, que diabo, faria a extravagância de abrir uma delas para beber um copo ao jantar. Escolheu uma garrafa de *pinot grigio*. Nos últimos quatro anos e meio havia aprendido um pouco acerca de vinhos e, pelo menos, sabia do que gostava. Pensou que ficaria muito bem com frango e bolinhos de massa — uma das comidas preferidas de Callie.

No final do dia, sentia-se mais no controlo. Especialmente quando



encontrou cinco mil dólares enfiados numa das meias de caxemira na gaveta de Richard.

Já tinha vinte mil no fundo de reserva para resolver aquela situação e recomeçar.

Deitada na cama, examinou a chave.

— Onde encaixas tu e o que encontrarei eu? Não vou desistir.

Talvez pudesse contratar um detetive privado. Seria uma grande machadada no fundo de reserva, mas talvez fosse uma ideia sensata.

Deixaria passar mais uns dias, tentaria alguns bancos mais próximos da cidade. Talvez na própria cidade.

No dia seguinte, acrescentou trinta mil dólares com a venda dos relógios de coleção de Richard e outros dois mil e trezentos com a venda dos tacos de golfe, dos esquis e da raqueta de ténis. Ficou de tal modo animada que levou Callie a comer pizza entre as visitas aos bancos.

Talvez já pudesse contratar o tal detetive... talvez fizesse precisamente isso. Mas precisava de comprar um monovolume e a sua pesquisa indicava-lhe que essa compra tiraria um bom pedaço aos cinquenta e oito mil dólares. Além disso, o mais correto seria usar algum desse dinheiro para amortizar as dívidas dos cartões de crédito.

Trataria de vender o vinho, isso sim, e depois contrataria o detetive. Por agora, tentaria mais um banco a caminho de casa.

Em vez de tirar o carrinho de Callie da bagageira, sentou-a sobre a anca.

Callie estava com aquela expressão... meio impaciente, meio rabugenta.

— Não quero, mamã.

— Eu também não, mas é o último. Depois vamos para casa e aperaltamo-nos para uma festa do chá. Tu e eu, querida.

— Eu quero ser a princesa.

— Como desejar, Sua Alteza.

Entrou no banco com a filha, que agora dava risadinhas.

Shelby já estava familiarizada com o procedimento e pôs-se na fila mais curta à espera da sua vez.

Não podia continuar a arrastar Callie daquela maneira, todos os dias, alterando a sua rotina, tirando-a e metendo-a no carro. Que diabo, ela própria sentia-se um tanto impaciente e rabugenta, e não tinha três anos e meio.

Aquela seria a sua última tentativa, a última de todas, e depois começaria a pesquisar seriamente detetives privados.

A mobília ia vender-se, o vinho também. Era hora de otimismo, em vez de constante preocupação.

Ajeitou Callie sobre a anca e aproximou-se da caixa que a observou por cima da armação vermelha dos seus óculos.

— Posso ajudá-la?

— Sim, senhora. Preciso de falar com o gerente. Sou esposa de Richard Foxworth e tenho aqui uma procuração. Perdi o meu marido em dezembro último.

— Os meus pêsames.

— Obrigada. Creio que ele tinha um cofre de segurança neste banco. Tenho aqui a chave e a procuração.

Shelby havia aprendido que assim era muito mais rápido do que tentar explicar a bancários entediados que havia encontrado a chave e que não sabia de onde era.

— A Sra. Babbington está no gabinete e deve poder ajudá-la. Por aqui em frente, à esquerda.

— Obrigada. — Shelby avançou, encontrou o gabinete e bateu na porta de vidro aberta. — Desculpe, minha senhora. Preciso de abrir o cofre de segurança do meu marido e disseram-me para falar consigo. — Entrou de imediato, outra coisa que havia aprendido, e sentou-se com Callie ao colo. — Tenho aqui a procuração e a chave. Sou mulher de Richard Foxworth.

— Deixe-me ver. Tens uns cabelos ruivos muito bonitos — disse ela a Callie.

— Como a mamã. — Callie levantou a mão para agarrar numa madeixa de cabelo de Shelby.

— Sim, como a tua mãe. Não está na lista de acesso ao cofre do Sr. Foxworth.

— Eu... desculpe?

— Lamento, mas não temos aqui a sua assinatura.

— Ele tem aqui um cofre?

— Sim. Mesmo com a preocupação, seria melhor se o Sr. Foxworth viesse pessoalmente. Assim ele podia adicioná-la.

— Ele... ele não pode. Ele...

— O papá teve de ir para o céu.

— Oh. — O rosto de Babbington irradiava compaixão. — Lamento muito.

— Os anjos cantam no céu. Mamã, a *Fifi* quer ir para casa.

— Já vamos, querida. Ele... o Richard sofreu um acidente. Ele estava num barco e houve uma tempestade repentina. Em dezembro. Vinte e oito de dezembro. Tenho a documentação. Não emitem um atestado de óbito enquanto não encontram...

— Entendo. Preciso ver a documentação, Sra. Foxworth. E algum documento de identificação.

— Também trouxe a minha certidão de casamento. Para não faltar nada. E o relatório policial sobre o que aconteceu. E estas cartas dos advogados. — Shelby entregou tudo e susteve a respiração.

— Podia obter uma ordem judicial para aceder ao cofre.

— É isso que devo fazer? Podia pedir aos advogados do Richard... bem, agora meus advogados, acho eu, para tratarem disso.

— Dê-me só um momento.

Babbington leu a papelada enquanto Callie se remexia no colo de Shelby.

— Quero a minha festa do chá, mamã. Tu disseste. Quero a minha festa do chá.

— É o que faremos, assim que nos despacharmos daqui. Faremos uma festa de chá de princesa. É melhor pensares que bonecas vais convidar.

Callie começou a enumerá-las, e Shelby constatou que o nervosismo da espera lhe tinha provocado uma súbita e urgente necessidade de urinar.

— A procuração está em ordem, bem como a restante documentação. Eu levo-a ao cofre.

— Agora?

— Se preferir vir noutra altura...

— Não, não, agradeço-lhe imenso. — Tanto que se sentia um pouco ofegante e zozna. — Nunca fiz isto. Não sei o que devo fazer.

— Eu oriento-a. Vou precisar da sua assinatura. Deixe-me só imprimir isto. Parece que vais ter muitos convidados na tua festa — disse ela a Callie enquanto trabalhava. — Tenho uma filha mais ou menos da tua idade. Ela adora festas do chá.

— Ela pode vir.

— Aposto que ela ia adorar, mas mora em Richmond, na Virgínia, e isso fica muito longe. Por favor, assine aqui, Sra. Foxworth.

Com os pensamentos às voltas, Shelby mal conseguiu ler o documento.

Babbington usou um cartão e um código para aceder a uma espécie de caixa-forte com as paredes repletas de gavetas numeradas. Número 512.

— Eu vou sair, para lhe dar alguma privacidade. Se precisar de ajuda, avise-me.

— Muito obrigada. Tenho autorização para levar o conteúdo?

— Sim, tem. Esteja à vontade — acrescentou ela, e correu uma cortina para isolar o espaço.

— Bem, só posso dizer... caramba! — Pousou a bolsa grande, que usava para as coisas de Callie e para as suas, e a pasta de Richard numa mesa, e depois agarrou-se à filha e aproximou-se do cofre.

— Estás a apertar-me com muita força, mamã!

— Desculpa, desculpa. Meu Deus, estou nervosa. Provavelmente não passará de um monte de papelada que ele não queria em casa. Provavelmente não será nada. Pode até estar vazio.

*Então, abre-o! Por amor de Deus,* ordenou a si mesma.

Com uma mão vacilante, enfiou a chave na fechadura e girou-a. Deu até um pequeno salto quando ouviu o clique.

— Aqui vamos nós. Não importa se estiver vazio. O importante é que eu o encontrei. Sozinha. Fi-lo sozinho. Tenho de te pousar um bocadinho, querida. Fica aqui, não te afastes de mim.

Pousou Callie no chão, tirou a caixa e pousou-a numa mesa.

Depois fitou-a simplesmente.

— Oh, meu Deus. C'um caraças.

— Caraças, mamã!

— Não digas isso. Eu não devia ter dito isso. — Shelby teve de apoiar uma mão na mesa.

O cofre não estava vazio. E a primeira coisa que captou a sua atenção foi um maço de notas. Notas de cem dólares.

— Maços de dez mil dólares e, oh meu Deus, Callie... são tantos! — Agora as suas mãos não estavam simplesmente vacilantes, mas tremiam enquanto ela contava os maços. — São vinte e cinco. Estão aqui duzentos e cinquenta mil dólares em notas.

Sentindo-se uma ladra, dirigiu um olhar ansioso à cortina e depois enfiou o dinheiro na pasta.

— Tenho de perguntar aos advogados o que devo fazer.

*Com o dinheiro,* pensou ela, *mas e o resto?*

E as três cartas de condução com a fotografia de Richard e o nome de outra pessoa? E os passaportes?

E a semiautomática calibre .32?

La pegar na arma, mas encolheu a mão. Queria deixá-la ali e não sabia explicar por que motivo não queria tocar-lhe, mas obrigou-se a pegar-lhe e a sacar o carregador.

Tinha crescido nas montanhas do Tennessee, com irmãos — um dos quais era agora polícia. Sabia manejar uma arma. Mas não ia andar com uma arma carregada com Callie por perto.

Colocou-a, e aos dois carregadores extra, dentro da pasta de cabe-dal. Tirou os passaportes e as cartas de condução. Descobriu cartões da Segurança Social com os mesmos três nomes, cartões American Express, Visa. Todos com esses nomes.

Aquilo era real?

Alguma coisa daquelas havia sido real?

— Mamã. Vamos embora, vamos embora. — Callie puxou-lhe as calças.

— Só um segundo.

— Agora! Mamã, agora!

— Só um segundo. — O tom, brusco e firme, podia ter feito o lábio de Callie tremer, mas às vezes uma criança tinha de ser lembrada de que não era ela quem mandava.

E uma mãe tinha de se lembrar que uma criança de três anos tinha o direito de se cansar de andar a ser arrastada de um lado para o outro todos os dias.

Shelby baixou-se e beijou o topo da cabeça de Callie.

— Estou quase a terminar, só preciso de voltar a arrumar isto.

Callie era real, pensou Shelby. Era isso que importava. O resto? Havia de descobrir... ou não. Mas Callie era real, e mais de duzentos mil dólares dariam para comprar um monovolume decente, saldar algumas dívidas e, quiçá, dar entrada numa casinha assim que ela arranjasse trabalho fixo.

Talvez não tivesse sido a intenção de Richard, e ela não sabia o que significava tudo aquilo, mas, afinal de contas, ele havia assegurado o futuro da filha. E havia-lhe dado espaço para respirar, por isso ela pensaria no resto depois.

Pegou em Callie, pôs a bolsa ao ombro e agarrou na pasta como se a sua vida dependesse disso.

— OK, minha bebezinha. Vamos à nossa festa do chá.

### 3



Shelby abriu as assoalhadas todas, voltou a ligar o aquecimento e, inclusive, as sete lareiras da casa.

Comprou flores frescas e fez biscoitos.

O tempo passado ao computador a pesquisar a melhor forma de vender rapidamente uma casa havia sugerido biscoitos, flores e, como havia decretado a agente imobiliária, despersonalização.

Manter tudo neutro.

Na sua opinião, a casa não podia estar mais neutra. Não lhe parecia acolhedora, mas também nunca lhe havia parecido. Quem sabe, com mobília mais suave e cores mais quentes, pudesse ter parecido um lar.

Mas essa era a sua sensibilidade, e a sua opinião não importava.

Quanto mais depressa se desfizesse daquele maldito lugar, mais depressa se livraria dessa parte da esmagadora dívida.

A agente imobiliária chegou armada com flores e biscoitos, e Shelby concluiu que poderia ter poupado tempo e dinheiro nesse departamento. Havia levado consigo o que chamava equipa de encenação, que naquele momento se espalhava por toda a casa, a mudar a mobília de lugar, a colocar mais flores, a acender velas. Shelby havia comprado uma dúzia de velas aromáticas, mas decidiu que ficaria com elas, ou então devolvê-las-ia, dependendo do que lhe parecesse melhor quando tudo aquilo estivesse resolvido.

— Esta casa está imaculada. — A agente imobiliária dirigiu um largo

sorriso a Shelby e deu-lhe uma palmadinha de felicitação no ombro. — A sua equipa de limpeza fez um trabalho magnífico.

Shelby pensou nas noites que havia passado a esfregar e a polir e limitou-se a sorrir.

— Quero que a casa cause boa impressão.

— Acredite que assim é. Este tipo de venda pode ser complicado, e desanimar potenciais compradores, mas estou confiante de que iremos receber boas propostas e rapidamente.

— Espero que tenha razão. Queria dizer-lhe que vem cá uma pessoa, na segunda-feira de manhã, para ver a mobília, mas se aparecer alguém interessado em comprá-la, ou parte dela, eu apresento um preço de venda.

— Isso é excelente! Tem aqui peças maravilhosas. Avisarei os visitantes.

Shelby deu uma última olhada crítica em volta e pensou na arma, nos documentos e no dinheiro que tinha trancados no cofre do escritório de Richard.

Depois agarrou na bolsa grande que usava habitualmente.

— A Callie e eu vamos deixá-la à vontade. Tenho assuntos a tratar.

*E um carro para comprar.*

O seu pai podia não aprovar o facto de não comprar uma marca americana, mas o *Toyota* de cinco anos que havia encontrado através da CarMax tinha boas avaliações quanto à segurança e fiabilidade. E o preço era justo.

O preço melhorou ainda quando ela resolveu regatear... oferecendo dinheiro. Dinheiro vivo.

As mãos queriam tremer-lhe quando ela contava as notas — metade agora, o restante quando fosse buscar o carro na tarde seguinte —, mas Shelby esforçou-se por se controlar.

Podia ter precisado parar o carro a três quarteirões de distância e pousar a cabeça no volante... Nunca na vida havia despendido tanto dinheiro num só sítio. Nunca na vida havia comprado um carro.

Permitiu-se então tremer, mas não devido ao nervosismo... não, já não. Era puro entusiasmo.

Shelby Anne Pomeroy — porque, no fundo, era quem realmente era, independentemente do que dissessem os documentos — tinha acabado de comprar um monovolume *Toyota* de 2010, num alegre tom cereja. Sozinha. Sem ajuda.

E havia conseguido um desconto de mil dólares porque não se acanhara em pedir.

— Vai correr tudo bem, Callie — disse ela, embora a filha estivesse profundamente concentrada no seu *Shrek*. — Vai correr tudo bem.

Pegou no telemóvel e ligou à companhia de *leasing* para que fossem buscar o SUV. E, esforçando-se novamente, obrigou-se a pedir uma boleia para ir buscar o monovolume.

Já agora bem podia tratar também do seguro, aproveitar que Callie estava entretida. Consideraria o SUV seu escritório temporário.

Depois de tratar da transferência do seguro automóvel, deu uma olhada no *site* onde havia colocado o vinho à venda.

— Oh, meu Deus, Callie! Temos ofertas!

Encantada, fascinada, foi fazendo as contas de cabeça e concluiu que já haviam sido oferecidos mais de mil dólares.

— Esta noite vou pôr mais doze garrafas à venda, é isso mesmo que vou fazer.

Como, segundo parecia, estava em maré de sorte, preparou-se mentalmente para a viagem até Filadélfia. Mesmo com o GPS, enganou-se três vezes no caminho, e o trânsito deixou-a com o nó no estômago. Mas encontrou a loja de peles e entrou com a chinchila, que nunca havia usado, e a filha.

Para sua surpresa, ninguém a olhou como se fosse patética, nem a fez sentir-se mal por devolver o casaco. E essa devolução abateu substancialmente a dívida de um dos cartões de crédito, fazendo que a dívida total deixasse de ser tão aterradora, e fez baixar a penosa taxa de juro.

Havia ficado estática demasiado tempo, admitiu Shelby, deleitando a filha com um Happy Meal. Muito, muito tempo. Agora que havia quebrado o gelo, tencionava provocar uma inundação.

Esperou sair da cidade para encher o depósito — amaldiçoando o frio e o preço do combustível — e depois viajou sem rumo durante um bocado, visto que Callie tinha adormecido.

Passou duas vezes por sua casa — ou a casa do banco — e seguiu viagem depois de contar os carros estacionados em frente. Era bom, claro que era bom. Qualquer um que fosse visitar a casa podia ser o seu comprador. Mas, Deus, ela só queria regressar, deitar Callie e trabalhar na sua folha de cálculo.

Protelou o tempo suficiente para encontrar apenas a agente imobiliária.



— Desculpe, dê-me só um minuto — disse Shelby a correr. — A Callie precisa de fazer chichi.

Conseguiram chegar a tempo... por pouco. Quando regressou ao grande salão, a agente imobiliária estava sentada a trabalhar no seu *tablet*.

— Tivemos um dia de visitas *muito bem-sucedido*. Mais de cinquenta pessoas, o que é excelente para esta altura do ano. Muitas pessoas mostraram-se interessadas e tivemos duas ofertas.

— Ofertas. — Atordoada, Shelby pousou Callie.

— Ofertas baixas, e não me parece que o banco vá aceitar, mas é um bom começo. E temos uma família de quatro bastante interessada. Tenho um bom pressentimento em relação a eles. Vão discutir entre si e depois dizem-me alguma coisa.

— Isso é maravilhoso.

— Também tenho uma oferta pela mobília do quarto principal. Uma das visitantes trouxe a irmã, e embora a irmã não ande à procura de casa, anda à procura de mobília. A oferta é um bocadinho baixa, na minha opinião, e ela tem urgência no negócio. Segunda-feira o mais tardar.

— Vendido.

A agente imobiliária riu-se e pestanejou com surpresa quando constatou que Shelby estava a falar a sério.

— Shelby, ainda nem lhe disse qual é a oferta.

— Não interessa. Eu odeio aquela mobília. Odeio cada peça de mobiliário desta casa. À exceção do quarto da Callie — corrigiu Shelby, afastando os cabelos do rosto enquanto a filha puxava um dos cestos com brinquedos que ela guardava num dos armários baixos da cozinha. — Foi a única que eu escolhi totalmente. Por mim, ela bem pode vir buscá-la esta noite. Há aqui muitos outros sítios onde dormir.

— Podemos sentar-nos?

— Desculpe, claro. Desculpe, Sra. Tinesdale, estou um bocadinho nervosa, só isso.

— Já lhe disse que pode tratar-me por Donna.

— Donna. Quer um café, ou qualquer outra coisa? Esqueci por completo os meus modos.

— Sente-se. Anda muito assoberbada. Sinceramente, nem sei como está a conseguir lidar com tudo isto. Quero ajudá-la. É esse o meu trabalho. A oferta pela mobília é demasiado baixa. Deixe-me apresentar uma contraoferta. Uma pechincha não tem nada de mal, Shelby, mas não gosto de sentir que estão a aproveitar-se de si. Mesmo que a mobília seja feia.

— Oh! — Algo dentro de Shelby acendeu-se simplesmente. Como vindicação. — Também acha? A sério?

— Quase todas as peças, excetuando o quarto da Callie.

Shelby soltou uma gargalhada que, para seu espanto, se transformou em choro num abrir e fechar de olhos.

— Desculpe. Meu Deus, desculpe.

— Mamã. — Callie subiu para o seu colo. — Não chora. Mamã, não chora.

— Eu estou bem. — Abraçou a filha e embalou-a — Estou bem. Estou só cansada.

— A mamã precisa de fazer a sesta.

— Eu estou bem. Estou bem, querida. Não te preocupes.

— Vou servir-lhe um copo de vinho — disse Donna, e tirou lenços de papel do bolso. — Não se levante. Eu vi uma garrafa no frigorífico.

— Ainda é um bocadinho cedo.

— Não, hoje não é. Agora, diga-me — continuou ela enquanto se afastava para ir buscar um copo. — O que mais quer vender? As peças de arte?

— Oh, meu Deus, sim. — Completamente exausta, Shelby deixou Callie passar-lhe um lenço pelo rosto. — Está na minha lista de pendentes. Não entendo nada de quadros como estes.

— Tapetes? Candeeiros?

— Já embalei tudo o que quero daqui, excetuando o quarto da Callie e a minha roupa, e algumas coisas de que preciso enquanto estivermos a morar aqui. De resto, não quero nada, senhora... Donna. Nem sequer os pratos são meus.

— Há uma bela coleção de vinhos lá em baixo.

— Coloquei vinte e quatro garrafas à venda na Internet, num *site* que descobri. As pessoas já estão a fazer ofertas. Vou colocar mais doze esta noite.

Donna inclinou a cabeça e olhou para Shelby com uma expressão que lhe pareceu ajuizadora.

— Foi muito inteligente da sua parte.

— Se eu fosse inteligente, não estaria nesta situação. Obrigada — acrescentou ela quando Donna lhe entregou o vinho.

— Não me parece que isso seja verdade, mas comecemos do início. Pode dar-me o nome da empresa que virá buscar a mobília?

— Dolby & Sons, de Filadélfia.

— Muito bem. Ia recomendar-lhe precisamente essa. — Donna bebeu uns goles de vinho enquanto tomava notas no *tablet* e falava com pragmatismo. — Vou fazer uma contraoferta, mas esta compradora vai ter de acordar para a realidade, se quiser realmente a mobília do quarto principal. De contrário, o Chad Dolby, que é o filho mais velho e quem provavelmente virá até cá, far-lhe-á uma oferta justa. Conheço uma pessoa que fará uma oferta pela louça, pelos copos e pelos artigos de bar. E recomendaria dois negociantes de arte para comprar as suas peças.

— Não sei como lhe agradecer.

— É o meu trabalho — recordou-lhe Donna. — E é um prazer. Tenho uma filha poucos anos mais nova do que a Shelby. Gostaria que alguém a ajudasse, se algum dia ela se visse neste... neste tipo de enrascada. Reparei que esvaziou o roupeiro do seu marido.

— Sim. A mamã está bem, querida. — Shelby beijou os cabelos de Callie. — Vai lá brincar. Levei a maior parte para a Segundas Oportunidades — disse ela a Donna quando Callie desceu do seu colo.

— Perfeito. A Macey e a Cheryl são ótimas profissionais e a loja delas tem muito movimento.

— Conhece toda a gente?

— Faz parte do trabalho. E os livros?

— Já embalei os meus livros, aqueles de que gosto. O Richard comprou os que ficaram na biblioteca. Ele comprou-os... como se diz?... num lote.

— E vendê-los-emos da mesma maneira. — Donna anuiu com a cabeça e deu umas pancadinhas no *tablet*. — Vou acrescentar isso às minhas notas. E se é isso que quer, vou pôr alguns dos meus conhecidos em contacto consigo. Pode combinar encontros.

— Isso seria maravilhoso. Agradeço-lhe imenso. Parece que ando há uma eternidade aos trambolhões de um lado para o outro, sem saber bem o que fazer.

— Pelo que vejo, saiu-se muitíssimo bem.

— Obrigada, mas ajuda imenso ter aconselhamento e orientação. É muito simpática. Não sei por que razão me deixou tão nervosa.

Donna riu-se.

— Às vezes tenho esse efeito. Quer que dê o seu número de telemóvel ou o fixo?

— Talvez pudesse dar ambos. Tento manter o telemóvel comigo, dentro do bolso, mas às vezes esqueço-me.

— Combinado. São pessoas de negócio, em busca de lucro. Mas não a enganarão. Se lhe ocorrer qualquer outra coisa, diga-me. — Donna sorriu. — Eu conheço mesmo toda a gente. E, Shelby, vou conseguir uma boa oferta por esta casa. É um lindo espaço, num local privilegiado, e o comprador certo anda por aí. Eu vou encontrar o comprador certo.

— Acredito que sim.

E porque acreditava, Shelby dormiu melhor naquela noite, como não dormia há semanas.

Durante toda a semana seguinte, a sua cabeça não deixou de andar às voltas. Fez o negócio com Dolby & Sons, enviou o vinho que conseguiu vender através da casa de leilões *online*, foi buscar um belo cheque à loja de artigos em segunda mão, pela venda de algumas peças de roupa de Richard, e aproveitou para levar três sacos com peças do seu próprio guarda-roupa.

Aceitou a oferta pela louça e pelos vidros, embalou tudo e comprou um colorido conjunto de quatro pratos, tigelas e copos de plástico.

Serviriam.

Embora pudesse ter sido mais sensato estender os pagamentos, Shelby liquidou a dívida de um dos cartões de crédito.

Um a menos, pensou ela. Faltavam onze.

As obras de arte — que não eram originais, como Richard afirmara — não valiam tanto quanto ela esperara, mas a quantidade compensava em parte esse facto.

Shelby sentia-se cada dia mais leve. Nem a tempestade que havia depositado uma camada de trinta e cinco centímetros de neve conseguiu desanimá-la. Agasalhou Callie como um esquimó e, juntas, construíram o seu primeiro boneco de neve.

Não havia novidades para relatar, pensou, mas resolveu escrever à família e tirar fotografias que enviou para Tennessee.

A aventura extenuou tanto Callie que a menina e *Fifi* estavam deitadas às sete. Assim, Shelby teve uma longa noite para se dedicar à folha de cálculo, às contas e à lista de tarefas.

Deveria usar aquele dinheiro para saldar um dos cartões de crédito de menor valor e livrar-se dele? Ou deveria aplicar esse dinheiro num dos de maior valor, para reduzir os juros?

Por muito que quisesse dizer que tinha acabado com dois, fazia mais sentido reduzir os juros.

Executou cuidadosamente o pagamento *online*, como havia aprendido por si mesma, e inseriu o pagamento na folha de cálculo.

Quatrocentos e oitenta e seis mil e quatrocentos dólares a menos. Só lhe faltava pagar dois milhões, cento e oitenta e quatro.

Sem contar com as contas que chegariam dos advogados e dos contabilistas. Mas, naquele momento, que diabo, isso parecia-lhe uma ninharia.

O telefone tocou e, ao ver o nome de Donna no ecrã, Shelby atendeu de imediato.

Podia ser...

— Estou.

— Olá, Shelby, é a Donna. Sei que é um bocadinho tarde, mas queria dizer-lhe que recebemos uma boa oferta pela casa.

— Oh! Que ótima notícia!

— Acho que o banco vai aprovar este valor. Sabe que isto pode demorar semanas, até meses, mas vou fazer todos os possíveis para acelerar o processo. É a família de que lhe falei, a que visitou a casa no primeiro dia. Eles adoraram-na mesmo, e a localização é exatamente a que queriam. E mais uma coisa... ela odeia a mobília.

Shelby soltou uma gargalhada, levantou o rosto e descontraiu.

— A sério?

— Odeia-a por completo. Disse-me que teve de a ignorar, fingir que não estava ali, para ver realmente a casa. Ele está nervoso por se tratar de uma venda a descoberto, mas ela quer mesmo a casa e ele está disposto a ceder. E eu estou convencida de que se o banco contrapuser e pedir um valor mais próximo do que quer, este comprador concordará.

— Oh, meu Deus, Donna.

— Não quero que nos precipitemos, mas a Shelby devia comemorar, pelo menos um bocadinho.

— Apetece-me dançar nua por esta maldita casa toda.

— O que melhor lhe aprazer.

— Se calhar, vou simplesmente dançar. Obrigada. Muito obrigada.

— Façamos figas, Shelby. Vou entrar em contacto com o banco amanhã cedinho. Tenha uma boa noite.

— A Donna também. Obrigada, uma vez mais. Adeus.

Shelby não se despiu, mas aumentou o volume do rádio. Sintonizou Adele, dançou pelo escritório, acompanhou a letra e soltou a voz.

Em tempos tivera ambições, aspirações, sonhos. Seria cantora... uma estrela. A sua voz era um dom e ela havia-a cuidado, usado, apreciado.

Conhecera Richard através da sua voz, quando ele entrara no pequeno clube em Memphis, onde ela era vocalista de uma banda chamada Horizon.

Dezanove anos, recordou Shelby. Não tinha idade para comprar uma cerveja no clube, embora Ty, o baterista que havia estado um bocado apaixonado por si, costumasse, sempre que possível, passar-lhe sorrateiramente uma garrafa de *Corona*.

Céus, como era bom cantar outra vez, dançar. À exceção de canções de embalar, há meses que ela não cantava. Cantou com Adele, passou diretamente para Taylor Swift e depois atrapalhou-se com o controlo remoto para tirar o som quando o seu telefone voltou a tocar.

Ainda a sorrir, ainda a dançar, atendeu.

— Estou.

— Desejo falar com David Matherson.

— Lamento, enganou-se no número.

— David Matherson — repetiu o homem, e disse o número.

— Sim, é o número dele, mas... — Alguma coisa se alojou na sua garganta. Shelby teve de pigarrear e apertou o auscultador com mais força. — Não mora aqui ninguém com esse nome. Lamento.

Shelby desligou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, correu para o cofre e introduziu cuidadosamente a combinação.

Levou o envelope pardo até à secretária e, com dedos tensos e trémulos, abriu-o.

No envelope guardava os documentos de identidade que havia encontrado no cofre do banco, os que tinham o rosto sorridente de Richard.

E um desses documentos estava em nome de David Allen Matherson.

Já não lhe apetecia cantar, nem dançar. Por motivos que não conseguia explicar, sentiu a necessidade urgente de verificar todas as portas e o sistema de alarme.

Apesar do desperdício de eletricidade, deixou uma luz acesa na entrada e deixou acesa a luz do *hall* do primeiro piso. Em vez de ir para a sua cama, deitou-se com Callie.

E ficou bastante tempo acordada a rezar para o telefone não tocar outra vez.

\* \* \*

A empresa de mobiliário enviou uma equipa que embalou dois quartos de hóspedes, o *hall* e a sala de jantar onde Shelby não havia feito uma refeição desde o acidente de Richard. Depois de algum regateio, ela havia concordado em vender o quarto principal ao comprador privado.

Pagou as prestações em atraso e liquidou um segundo cartão de crédito.

Dois a menos, faltavam dez.

A casa parecia ainda maior e menos acolhedora com tão pouca mobília. Shelby sentia uma vontade imensa de se ir embora, mas ainda havia alguns pormenores a tratar e eram responsabilidade sua.

Tinha um encontro com o comprador dos livros à uma e meia; havia marcado para essa hora para que Callie estivesse a fazer a sesta. Prendeu os cabelos e colocou os bonitos brincos de água-marinha que os pais lhe haviam oferecido pelo Natal. Aplicou um pouco de pó bronzeador e *blush*, porque estava demasiado pálida. Trocou as meias grossas, que gostava de usar por casa, por uns bons sapatos pretos de salto alto.

A avó afirmava que os saltos altos podiam morder um pouco os dedos dos pés, mas que incrementavam a confiança de uma mulher.

Sobressaltou-se quando a campainha tocou. O homem dos livros estava quinze minutos adiantado, tempo com que ela havia contado para colocar café e biscoitos na biblioteca.

Desceu apressadamente, na esperança de que ele não voltasse a tocar. Callie tinha uma sesta leve.

Abriu a porta a um homem mais jovem e atraente do que havia esperado... o que, supunha ela, era demonstrativo do valor dos pressupostos.

— Sr. Lauderdale, chegou a horas.

— Sra. Foxworth. — O homem estendeu descontraidamente a mão para a cumprimentar.

— Entre, está frio aí fora. Não consigo habituar-me aos invernos do Norte.

— Não está cá há muito tempo.

— Não, apenas o suficiente para passar um inverno. Deixe-me guardar o seu casaco.

— Obrigado.

O homem era forte e entroncado, tinha rosto quadrangular e uns frios olhos cor de avelã. Nada parecido com o magro rato de biblioteca com óculos e mais idade que ela havia imaginado.

— A Donna... a Sra. Tinesdale disse que o senhor podia estar interessado nos livros que eu tenho. — Shelby pendurou o robusto sobretudo no armário do *hall*. — E se fôssemos diretamente para a biblioteca para dar uma olhada?

— Tem uma casa impressionante.

— Bem, é realmente grande — disse ela, enquanto o conduzia através de uma sala, com um piano de cauda que ninguém tocava, e de uma zona de estar, com uma mesa de bilhar que ainda lhe faltava vender, em direção à biblioteca.

Teria sido a sua assoalhada preferida, juntamente com o quarto de Callie, se pudesse tê-la tornado mais confortável, mais acolhedora. Mas, por agora, havia acendido a lareira e retirado as pesadas cortinas, que também estavam para venda, para que o sol de inverno, ou o que havia dele, pudesse entrar pelas janelas.

A mobília — o sofá de cabedal, que, para si, era de um amarelo «tarte de limão», as cadeiras castanho-escuras e as mesas demasiado reluzentes — seria retirada até ao final da semana.

Ela esperava que acontecesse o mesmo com as caixas cheias de livros com encadernação em pele, que nunca ninguém havia lido.

— Como lhe disse ao telefone, mudo-me em breve, por isso estou interessada em vender os livros. Já empacotei os que quero levar comigo, mas estes... bem, para lhe dizer a verdade, o meu marido comprou-os porque achava que ficavam bem aqui.

— São impressionantes, como a casa.

— Calculo que sim, mas eu interesse-me mais pelo conteúdo de um livro do que pelo seu aspeto numa estante. Se quiser dar uma olhada, posso fazer café.

O homem avançou e tirou um livro ao acaso.

— *Fausto*.

— Li que muita gente compra livros assim, em quantidade, só para decoração.

Shelby queria entrelaçar os dedos das mãos e teve de se obrigar a relaxar. Já devia estar acostumada àquilo, pensou, e não devia ficar tão nervosa.

— Acho que ficaria melhor, mais apelativo à vista... à minha vista — corrigiu —, se não fossem todos idênticos. A encadernação, a altura. E devo dizer que não sou pessoa para me enrolar diante da lareira a ler *Fausto*.



— Não é a única. — O homem voltou a arrumar o livro e virou os seus olhos frios para Shelby. — Sra. Foxworth, não sou Lauderdale. O meu nome é Ted Privet.

— Oh, foi o Sr. Lauderdale que o mandou vir dar uma olhada?

— Não sou comerciante de livros, sou detetive privado. Falei consigo ao telefone há umas noites. Perguntei-lhe por David Matherson.

Shelby recuou um passo. Com saltos, ou sem eles, seria capaz de correr mais do que ele e fá-lo-ia para o levar dali para fora, para longe de Callie.

— E eu disse-lhe que se enganou no número. Agora é melhor ir. Estou à espera de uma pessoa a qualquer momento.

— Só preciso de um minuto. — Com um sorriso, o detetive levantou as mãos como se quisesse mostrar-lhe que era inofensivo. — Estou só a fazer o meu trabalho, Sra. Foxworth. Segui o rasto de David Matherson até esta zona, e a minha informação... Tenho uma fotografia. — Enfiou a mão no bolso do casaco enquanto mantinha a outra erguida, de palma para fora, num gesto de paz. — Importa-se de dar uma olhadela? Conhece este homem?

O coração de Shelby batia com força. Tinha deixado um estranho entrar em casa. Com tanta gente a entrar e a sair de casa, havia-se tornado imprudente e tinha-o deixado entrar. Com a filha a dormir no piso de cima.

— Fez-me pensar que era outra pessoa — disse ela com rispidez na voz, na esperança de o perturbar. — É assim que faz o seu trabalho?!

— Sim, na verdade. Parte do tempo.

— Eu não gosto muito de si, nem do seu trabalho. — Arrancou-lhe a fotografia da mão e fitou-a.

Ela já sabia que seria Richard, mas vê-lo — o seu sorriso de estrela de cinema, os olhos castanhos com salpicos dourados — foi um duro golpe. Tinha o cabelo mais escuro e usava uma pera que, a seu ver, lhe dava um ar mais velho, tal como no cartão de identidade do cofre do banco. Mas era Richard.

O homem na fotografia havia sido seu marido. O seu marido havia sido um mentiroso.

O que era ela?

— Esta é uma fotografia do meu falecido marido, Richard.

— Há sete meses, este homem, que dava pelo nome de David Matherson, burlou uma mulher de Atlanta em cinquenta mil dólares.

— Não sei do que está a falar. Não conheço nenhum David Matherson. O meu marido chamava-se Richard Foxworth.

— Dois meses antes disso, David Matherson burlou um pequeno grupo de investidores de Jacksonville, Florida, no dobro dessa quantia. Eu podia recuar mais, e dar mais exemplos, incluindo um grande assalto em Miami há cerca de cinco anos. Vinte e oito milhões em selos raros e joias.

Depois do que havia descoberto nas últimas semanas, a burla não a chocava. Mas o roubo, e o montante do mesmo, provocou-lhe nós no estômago e deixou-a um tanto zozna.

— Não sei do que está a falar. Quero que se retire.

O detetive guardou a fotografia sem deixar de a fitar nos olhos.

— Matherson saiu recentemente de Atlanta, onde realizava fraudes imobiliárias. Vocês viveram em Atlanta antes de se mudarem para cá, correto?

— O Richard era consultor financeiro. E está morto. Entende? Ele morreu logo a seguir ao Natal, por isso não pode responder às suas perguntas. E eu não conheço as respostas. O senhor não tem o direito de aparecer aqui desta maneira e mentir-me para conseguir entrar e assustar-me.

O homem levantou outra vez as mãos, mas algo no seu olhar disse a Shelby que não era, de todo, inofensivo.

— Eu não estou a tentar assustá-la.

— Bem, mas assustou. Eu casei-me com Richard Foxworth em Las Vegas, Nevada, a dezoito de outubro de 2010. Não me casei com ninguém chamado David Matherson. Não conheço ninguém com esse nome.

A boca dele contorceu-se num sorriso escarninho.

— Foram casados durante quatro anos, mas afirma que não sabe como é que o seu marido ganhava realmente a vida? O que ele fazia na realidade? Quem ele era verdadeiramente?

— Se está a tentar dizer que sou uma tola, ponha-se na fila. Ganhava a vida? Qual vida? — Derrotada, Shelby estendeu os braços. — Esta casa? Se não a vender rapidamente, executam a hipoteca. Afirma que o Richard burlava pessoas, que as roubava? Quase trinta milhões de dólares? Bem, se isso é verdade, quem quer que o tenha contratado para o encontrar pode também entrar na fila. Eu estou a tentar livrar-me da dívida de três milhões de dólares que ele me deixou. Vá-se embora e diga ao seu cliente que se equivocou com o homem. Ou, se assim não for, que esse homem

está morto. Não há nada que eu possa fazer a respeito. Se ele quiser vir atrás de mim pelo dinheiro... bem, tal como já disse, tem uma longa fila pela frente.

— Minha senhora, quer que eu acredite que viveu com ele durante quatro anos mas que nunca ouviu falar em Matherson? Não sabe de nada?

A fúria engoliu o medo. Shelby estava farta, mais do que farta, e a irritação fê-la disparar como um foguete.

— Estou-me nas tintas para aquilo em que acredita, Sr. Privet. Completamente nas tintas. E se veio até aqui na esperança de que eu sacesse simplesmente um monte de selos e de joias do bolso, ou centenas de milhares em notas para me ver livre de si, eu acredito que é tão estúpido como mal-educado. Saia daqui!

— Eu só busco informação acerca...

— Eu não *tenho* nenhuma informação! Não sei nada desse assunto. O que *sei* é que estou presa neste lugar que não conheço, com esta casa que não quero, porque...

— Porque?

— Já não sei. — A irritação esmoreceu. Shelby estava simplesmente cansada. — Não posso dizer-lhe o que não sei. Se tiver alguma pergunta, pode falar com Michael Spears, ou com Jessica Broadway. Spears, Cannon, Fife and Hanover. É a firma de advocacia de Filadélfia que está a tratar desta confusão em que estou metida. Agora, vá-se embora ou chamo a polícia.

— Eu vou — disse ele, seguindo-a quando ela saiu a passos largos em direção ao sobretudo que estava no armário.

O detetive tirou um cartão de visita do bolso e estendeu-lho.

— Pode contactar-me se se lembrar de alguma coisa.

— Não me posso lembrar do que não sei. — Mas Shelby aceitou o cartão. — Se foi o Richard quem ficou com o dinheiro do seu cliente, lamento. Por favor, não volte cá. Não o deixarei entrar uma segunda vez.

— Da próxima vez, pode ser a polícia — disse-lhe ele. — Não se esqueça disso. E guarde esse cartão.

— A polícia não prende ninguém por ser estúpido. É esse o meu único crime.

Shelby abriu a porta e soltou um pequeno guincho ao ver um homem a estender a mão em direção à campainha.

— Ah, Sra. Foxworth? Assustei-a. Sou Martin Lauderdale.

O homem era mais velho, tinha olhos azul-claros por detrás dos óculos de armação metálica e uma cuidada barba grisalha.

— Obrigada por ter vindo, Sr. Lauderdale. Adeus, Sr. Privet.

— Guarde o cartão — disse-lhe Privet, e depois de contornar Lauderdale, desceu o caminho de entrada em direção a um carro cinzento.

Shelby percebia de carros — afinal, o seu avô era mecânico — e tomou a devida nota daquele. Um *Honda Civic* cinzento, com matrícula da Florida.

Se voltasse a vê-lo nas redondezas, chamaria a polícia.

— Dê-me o seu casaco — disse ela a Lauderdale.

No final da semana, a biblioteca e o quarto principal estavam vazios. Shelby vendeu a mesa de bilhar, o piano, o material de exercício de Richard e inúmeras coisas miúdas através do *website* do Craigslist.

Estava tão perto de liquidar o remanescente de um dos dez cartões de crédito em falta que conseguia saboreá-lo.

Retirou os restantes quadros das paredes e vendeu-os também, bem como a sofisticada máquina de café e a sofisticada liquidificadora.

Quando acordou, na manhã do que supostamente seria o primeiro dia de primavera, com quinze centímetros de neve, que continuava a cair, só teve vontade de voltar a enfiar-se no saco-cama da princesa Fiona que era naquele momento a sua cama.

Estava a viver numa maldita casa praticamente vazia. Pior, a sua menina estava a viver numa maldita casa praticamente vazia, sem amigos, sem ninguém com quem falar ou brincar à exceção da mãe.

Quatro anos e meio antes, numa quente noite de outubro no Oeste, ela tinha comprado um bonito vestido azul — Richard havia gostado de a ver de azul —, passado uma hora a secar o cabelo, porque ele gostava de o ver liso, e percorrido o corredor da ridícula capelita com uma única rosa branca nas mãos.

Acreditara ser aquele o dia mais feliz da sua vida, mas não havia sido, de todo, a sua vida. Apenas uma ilusão, e pior, uma mentira.

Cada dia depois disso, havia dado o seu melhor para ser uma boa esposa, para aprender a cozinhar da maneira que Richard gostava, para fazer as malas e mudar-se sempre que Richard queria, para se vestir como

ele gostava. Para garantir que Callie estava lavada, alimentada e bem vestida quando ele chegava a casa.

*Tudo isso acabou*, pensou ela.

— Tudo isso acabou — murmurou. — Então, porque é que ainda aqui estamos?

Entrou no seu antigo *closet*, onde havia começado a arrumar, sem grande vontade, as malas de viagem *Louis Vuitton* que Richard lhe tinha comprado em Nova Iorque para substituir o saco onde havia enfiado a sua roupa quando fugira com ele.

Começou então fazer convictamente as malas e, quebrando uma regra firme, pôs Callie a ver *Shrek* e a comer cereais na cozinha enquanto arrumava as coisas da filha. Seguindo uma das regras firmes da mãe — não telefonar a ninguém, exceto à polícia, aos bombeiros ou a um canalizador, antes das nove da manhã — esperou pelas nove em ponto para ligar a Donna.

— Olá, Shelby, como vai?

— Está a nevar outra vez.

— É o inverno que não acaba. Dizem que vamos ter cerca de vinte centímetros, mas parece que no sábado pode ir até ao metro e trinta. Esperemos que seja o último suspiro.

— Não conto com isso. Donna, não resta grande coisa nesta casa para além de mim e da Callie. Quero levar a TV da cozinha, que está sob o armário, para a minha avó. Ela ia adorar. E o grande ecrã plano... qualquer um deles. Há nove nesta casa; eu contei-os. Só quero levar um para o meu pai. Não sei se os compradores quererão os restantes... Sei que o acordo ainda não é definitivo, mas podíamos incluir a venda do contingente de televisores. Sinceramente, não quero saber quanto estão dispostos a pagar por eles.

— Posso propor-lhes isso, claro. Esperemos que façam uma oferta.

— Seria ótimo. Se não os quiserem, ou se só quiserem alguns, eu trato disso.

*De alguma forma*, pensou ela, massajando a têmpora latejante.

— Mas... quando acabar esta chamada, vou ligar para uma empresa de mudanças. Não consigo levar a mobília da Callie no monovolume, não juntamente com as caixas, as malas e os brinquedos dela. E, Donna, vou pedir-lhe um enorme favor.

— Claro, o que posso fazer por si?

— Preciso que mande instalar um daqueles chaveiros com sistema

de segurança na casa, e preciso que toda a papelada que possa surgir, caso o negócio vá por diante, seja tratada através de correio ou *e-mail*. Preciso de ir para casa, Donna. — O simples facto de dizer aquelas palavras aliviou os nós que tinha nos ombros. — Preciso de levar Callie para casa. Com tudo o que se tem passado, ela ainda não conseguiu fazer um único amigo da sua idade. Esta casa está vazia. Acho que sempre estive, mas agora não dá para fingir que não está. Não consigo ficar mais aqui. Se conseguir tratar de tudo, partimos amanhã. O mais tardar, no sábado.

— Não é favor nenhum e não tem qualquer problema. Eu trato da casa, não se preocupe. Vai conduzir para tão longe, sozinha?

— Tenho a Callie. Vou cancelar este número fixo, mas terei o meu telemóvel, se precisar de falar comigo. E o meu portátil, por isso terei *e-mail*. Se a venda não for por diante, mostre-a simplesmente a outra pessoa. Mas espero que se concretize, espero que as pessoas que a querem comprar consigam fazê-lo e a transformem num lar. Mas nós temos de ir embora.

— Envia-me um *e-mail* quando lá chegar? Vou ficar um pouco preocupada convosco.

— Sim, e vai correr tudo bem. Quem me dera ter sabido há mais tempo que é assim tão simpática. E isto soou estúpido.

— Não, não soou — disse Donna com uma gargalhada. — Eu digo o mesmo em relação a si. Não se preocupe com nada. Se precisar que seja feita alguma coisa depois de chegar, avise-me. Tem uma amiga em Filadélfia, Shelby.

— E a Donna tem uma no Tennessee.

Depois de desligar, Shelby respirou fundo. E elaborou uma lista, uma lista minuciosa, de tudo o que era preciso fazer. Quando riscasse a última tarefa, iria para casa.

Ia levar Callie de volta a Rendezvous Ridge.